

## OS MOTIVOS QUE IMPULSIONARAM *IAGO*

## THE MOTIVES THAT STIMULATED *IAGO*

Valdomiro Polidório<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste estudo, faremos uma análise da personagem *Iago*, da tragédia *Othello*, de William Shakespeare. A análise consistirá na busca de uma compreensão sobre os motivos que levaram a personagem *Iago* a desencadear todos os fatos trágicos. O objetivo é tentar entender melhor as atitudes diabólicas da personagem. Acreditamos que o estudo sobre os motivos que impulsionaram *Iago* pode nos levar a um entendimento mais profundo desta personagem tão odiada/amada pelos leitores de William Shakespeare. Abordaremos a trajetória de *Iago*, analisando as falas que revelam seus motivos.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Iago*, motivos, tragédia, desencadear.

**ABSTRACT:** This study will analyze the character *Iago* from the tragedy *Othello* by William Shakespeare. The study will concentrate in the search of an understanding of the motives that take the character *Iago* to unleash all the tragic facts. The aim is to try to understand better the evil attitudes of the character. We believe that a better comprehension of the motives that stimulated *Iago* can take us to a deeper understanding of this character that is so loved/hated by William Shakespeare's readers. We will approach *Iago's* trajectory, analyzing his speeches that reveal his motives.

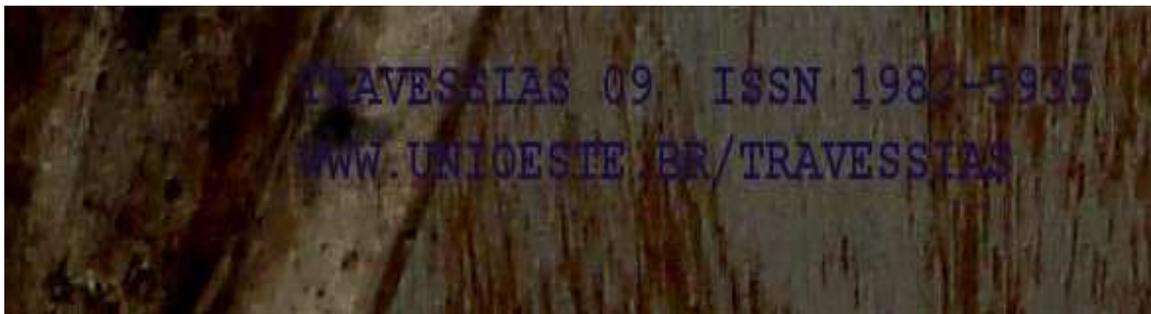
**KEY WORDS:** *Iago*, motives, tragedy, unleash.

### 1. Introdução

A personagem *Iago* tem nos intrigado por sua maldade desequilibrada e, é claro, bem construída por Shakespeare. *Iago* usa muito bem sua inteligência para fazer o mal a todos os outros personagens. É devido a isso que ele tem um poder de convencimento muito grande. Objetivando destruir as pessoas que se opõem aos seus intentos, *Iago* elabora um plano maquiavélico. O plano é muito bem arquitetado, seu projeto de destruição é muito engenhoso. Ele pensa em todos os detalhes para conseguir enredar as outras personagens, principalmente

---

<sup>1</sup> Professor Mestre de Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – [polidorio@hotmail.com](mailto:polidorio@hotmail.com)



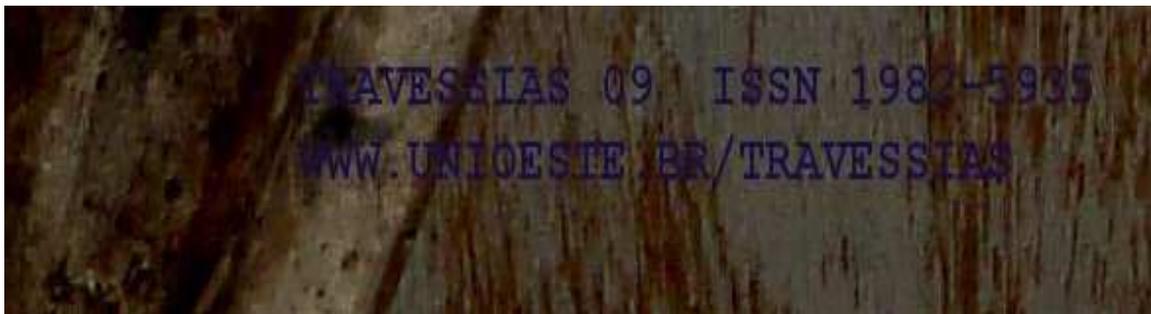
*Othello*. A princípio, temos *Rodrigo*, a primeira vítima de *Iago*. *Rodrigo* é uma marionete nas mãos do diabólico *Iago*, que o envolve em uma trama para primeiro ganhar dinheiro, e depois, para que ele tente matar *Cássio*. *Othello*, assim como *Cássio* e *Desdêmona*, são enganados por *Iago*. A descoberta de sua trama diabólica somente ocorre no final da tragédia. Durante toda a peça as personagens principais são vítimas da falsa amizade de *Iago*. Para analisar os motivos de *Iago*, usaremos a fortuna crítica da obra *Othello*, porém, nossa fonte principal, como não poderia ser diferente, será a própria obra e toda a genialidade de William Shakespeare ao elaborá-la.

## 2. Motivos que levaram *Iago* a arquitetar seu plano diabólico

*Iago* tem inveja da promoção de *Cássio*. Isso pode ser considerado o estopim da trama para destruir *Othello* e, conseqüentemente, as outras personagens que o cercam. O convencimento de que ele, *Iago*, mereceria a promoção é relevante para que ele se levante contra todos que, de certa maneira, o menosprezaram. Segundo HELIODORA (1998, p. 120), “[...] *Iago*, pelo mais mesquinho dos motivos – ficar com o posto de tenente – inventa a suposta intriga de *Desdêmona* com *Cássio* [...]”. Percebemos isto já no início da obra quando *Iago* diz:

IAGO — Despreza-me, se não for assim mesmo. Três pessoas de grande influência aqui vieram falar-lhe, chapéu na mão, com humildade, para que fizesse de mim o seu tenente. E por minha fé de homem, tenho plena consciência do que valho; não mereço posto menor do que esse. Ele, no entanto, consultando somente o orgulho e os próprios interesses, furtou-se com fraseado bombástico, recheado só de epítetos de guerra. Em conclusão: não entendeu aos meus intercessores. “Pois já escolhi meu oficial”, lhes disse. E quem é ele? Ora, por minha fé, um matemático, um tal Micael Cássio [...]. (Ato I, Cena I)

Já COLERIDGE (1987), diz que *Iago* não tem motivos para fazer o mal, ele simplesmente é uma pessoa má. A maldade de *Iago* pode ser analisada como a essência do mal e ele pode ser o próprio Diabo: “a personagem *Iago*, de *Otelo*, é a imagem mais diabólica de todas as que Shakespeare faz de um demônio encarnado...” (HOLDEN, 2003, p. 196). Segundo COLERIDGE (1987):



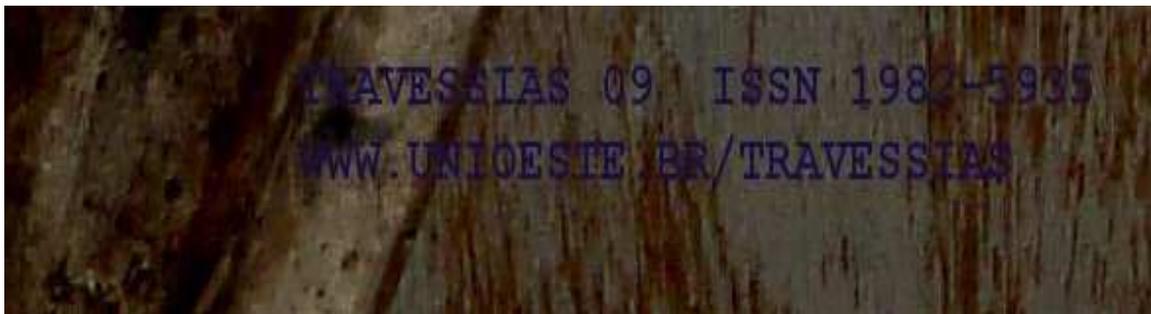
Novamente, *coloque dinheiro* depois que o efeito foi totalmente produzido. -- A última fala, a procura do motivo da maldade sem motivo -- que terrível! Diabólico em todos os sentidos -- e, contudo lhe foi permitido ostentar a imagem divina, diabólico também devido a seu próprio intento inabalável. -- Um ser próximo do Diabo -- *não* somente Diabo -- e que Shakespeare tentou construir—sem nojo, sem escândalo!-- (*Lectures 1808-1819 On Literature* 2: 315)

*Iago* parece criar motivos para engendrar sua trama. Há a necessidade de que ele tenha elementos à sua disposição para elaborar seus planos. É como se ele necessitasse de matéria prima para construir uma realidade virtual, uma realidade virtual que ele mesmo parece começar a acreditar durante o desenrolar da tragédia. Não seria possível a Shakespeare traçar os elementos que compõem a personalidade de *Iago* se ele não o envolvesse em um contexto propício. Shakespeare sempre foi muito habilidoso em arquitetar suas obras. Cada fala é como se fosse um tijolo em uma parede que deve ser sólida o bastante para suportar todo o peso de personagens cheias de vida, de amor, de ódio, enfim, de todos os sentimentos que compõem a natureza humana da qual ele, William Shakespeare, conhecia muito bem. Segundo POLIDÓRIO (2009, pp. 08-09):

O conhecimento da natureza humana de Shakespeare impressiona. Ele aborda os conflitos do ser humano que sempre existiram, como ódio, amor, usurpação do poder, traição, vingança, o belo, o feio, a tirania, a angústia, a melancolia, a ambição, etc. Todas essas características compõem a nossa natureza. Resumindo Shakespeare explora o bem e o mal que existem em todos os seres humanos.

Mas será que realmente existe um motivo, ou motivos, para *Iago* agir da maneira com que age? Poderíamos recorrer a várias fontes, porém, COLERIDGE (1995) parece nos fornecer uma análise interessante sobre os motivos de *Iago*, quando diz:

[...] o personagem *Iago*, que é representado em um momento como tendo um motivo e então outro, e novamente um terceiro motivo para sua conduta, tudo como as simples ficções da sua natureza sem descanso, destemperada por um senso mordaz de sua superioridade intelectual, e perseguido pelo amor do poder externado em relação aqueles, especialmente seus superiores na prática e excelência moral. Contudo quantos entre os nossos críticos modernos atribuíram ao autor inescrutável isto, a relevante inconsistência da personagem! (*Shorter Works and Fragments* 1: 310)



A partir da citação anterior, podemos ter uma idéia clara de como *Iago* tem uma “natureza que não descansa” e que cria “ficções”. Isso significa que *Iago* não tem motivos para fazer o mal as outras personagens. Ele cria uma realidade paralela para servir aos seus intentos maquiavélicos.

Um exemplo de como *Iago* parece criar uma realidade paralela, é a desconfiança de que *Othello* cumpriu com seu dever de marido. Mesmo não tendo certeza de que isso realmente aconteceu, *Iago* se utiliza desta “verdade” para impulsionar seu ódio em relação a *Othello*:

IAGO — Odeio o Mouro. Há quem murmure que ele o meu trabalho já fez em meus lençóis. Se é certo, ignoro-o. Pelo sim, pelo não, agir pretendo como se assim, realmente, houvesse sido. (*Sai.*) (Ato I, Cena III)

Outro elemento que é relevante para que *Iago* alimente seu ódio, diz respeito à questão racial. De acordo com HONAN (2001), “...seu ódio ruminante é sintetizado em ofensas raciais. A pele escura do mouro se transforma num ponto de referência para tudo o que é dito a seu respeito.” (pp. 382-3). Percebemos isso neste extrato da tragédia:

**Iago** – Agora mesmo, neste momento, neste momento mesmo, um velho bode negro está cobrindo vossa ovelha branca. (Ato I, Cena I, p. 334)

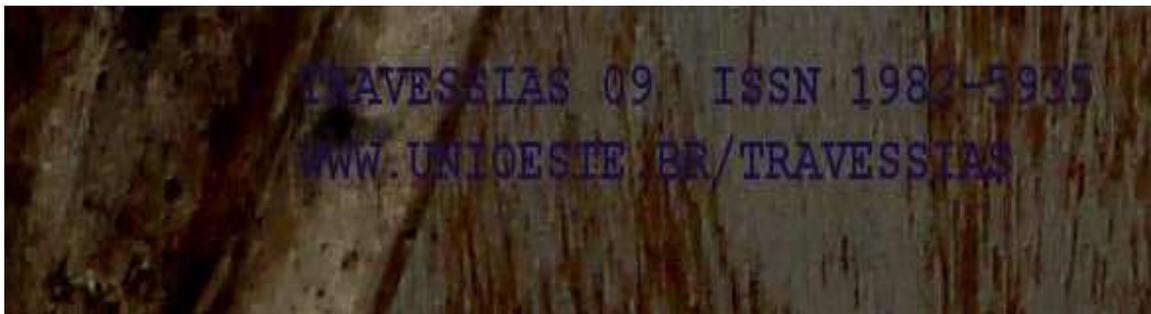
*Iago* aproveita todas as oportunidades para, de certa forma, convencer a si mesmo de que realmente existe uma relação amorosa entre *Cássio* e *Desdêmona*. Parece que ele tem que se convencer primeiro para depois convencer realmente *Othello* da traição de *Desdêmona*. Para *Iago*, o mais natural dos momentos é o momento propício para alimentar sua mente doentia:

IAGO (*à parte*) — Ele a segura pela mão. Muito bem! Cochicha-lhe aos ouvidos. Com uma teiazinha tão pequena assim, pretendo pegar uma mosca do tamanho de Cássio. Sim, dirige-lhe sorrisos; mais um pouco, e eu te amarrarei com tuas próprias cortesias. Tendes razão: é assim mesmo. (Ato II, Cena I)

*Othello* acredita, piamente, que *Iago* é uma pessoa boa e honesta. Essa é outra característica importante da tragédia para que *Othello* venha a acreditar nas intrigas de *Iago*. *Othello* se refere a *Iago* como sendo “bom” e “honesto”:

OTELO — [...] Por obséquio, bom Iago, vai ao porto, desembarca meus cofres e conduze ao forte o comandante. É um homem digno; seus méritos impõem só respeito. Desdêmona, subamos. Novamente: és mui bem-vinda a Chipre. (Ato II, Cena I)

OTELO — Iago é pessoa honesta. (Ato II, Cena III)



*Iago* aproveita todas as oportunidades para ir plantando a semente do ciúme em *Othello*. Mesmo as cenas mais inocentes são muito bem usadas por ele para ir construindo a rede que envolverá *Othello* de uma maneira magistral:

IAGO — Isso não me agrada!  
 OTELO — Como disseste?  
 IAGO — Nada, meu senhor; ou, talvez... Já não sei.  
 OTELO — Não era Cássio que estava a conversar com minha esposa?  
 IAGO — Cássio, senhor? Acreditar não posso que ele como culpado se esgueirasse, quando vos viu chegar. (Ato II, Cena III)

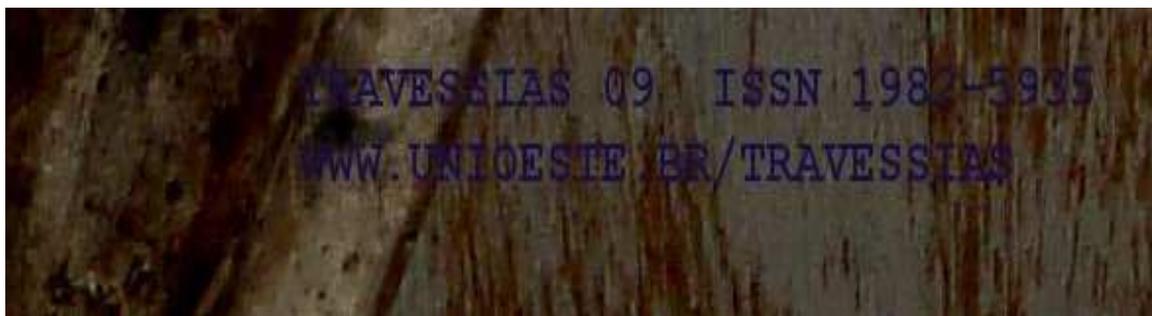
*Othello* acredita cegamente em *Iago*. Mesmo depois de *Iago* ter insinuado que *Desdêmona* o estava traindo com *Cássio*, ele o considera um homem honesto. O complexo de inferioridade de *Othello* é mais um elemento importante na composição da tragédia e no fornecimento da matéria prima para *Iago* ir tecendo sua teia malévola. Talvez, *Iago* não obtivesse tanto sucesso na elaboração de sua trama diabólica, se *Othello* não sofresse do mal do complexo de inferioridade. É provável que este pensamento se insinuasse constantemente a ele, como *Desdêmona*, uma donzela branca e culta poderia amar um negro mais velho e rude?

OTELO — Esse rapaz é a própria honestidade; de espírito experiente, os móveis todos discernir sabe das ações humanas: Se ela se revelar falcão rebelde, ainda que seus atilhos fossem fibras do próprio coração que aqui me bate, assobiarei, soltando-a, para que alce vôo a favor do vento e faça presas como a sorte o ensejar. Porque sou negro e de fala melíflua não disponho qual petímetro, ou porque já me encontro no declive da idade — mas não tanto — ela se foi, havendo-me enganado. (Ato II, Cena III)

*Iago* pode não ter motivos, porém, usa muito bem as fraquezas, como essa de *Othello*, e é justamente aí que aparece a genialidade de Shakespeare. O enredo da peça pode parecer simples, porém, a construção de toda a trama concentrada na minuciosa elaboração da personagem *Iago*, transforma a peça em uma obra de análises inexauríveis.

### Considerações Finais

Analisar uma tragédia como *Othello*, requer muito cuidado, pois não podemos menosprezar a construção cuidadosa da personagem *Iago*. William Shakespeare parece ter

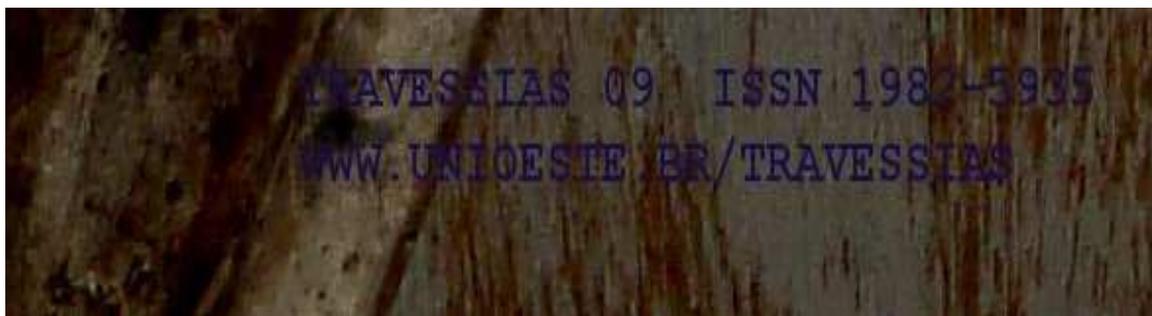


montado, cautelosamente, as falas da personagem para que elas nos envolvessem, e para que nós nos revoltássemos veementemente com as atitudes do vilão. Devido a isso, é necessário sempre explorar elementos que possam sustentar nossas análises. Esses elementos referem-se às atitudes das personagens durante o decorrer da tragédia. Sabemos que em uma peça de teatro shakespeariana são as personagens que nos dão todas as informações sobre suas personalidades. A personagem *Iago*, como *Hamlet*, tem solilóquios importantíssimos, os quais devem ser analisados com muito cuidado, pois revelam os pensamentos mais profundos das personagens. Esses pensamentos permitem ao leitor e ao crítico literário obter informações necessárias para uma maior compreensão das obras. No caso de *Iago*, podemos perceber como ele descortina seus desejos mais sombrios, seu ódio em relação a *Otello* e seu plano diabólico. *Iago*, apesar de ser uma personagem construída com elementos provindos de todo mal que pode existir, pode ser considerada uma personagem genial, que desperta em nós toda a revolta contra as injustiças que uma pessoa maquiavélica pode cometer e, conseqüentemente, nos faz passar pelo efeito catártico, tão falado quando abordamos uma obra literária. BLOOM (2001, p. 18) refere-se à vilania de *Iago* como “um prazer em si mesma”. Este prazer que a personagem experimenta e a revolta que nós leitores temos em relação às suas atitudes compõem uma das personagens mais intrigantes de toda a literatura universal. Esperamos que com este artigo possamos ter fornecido mais uma fonte importante de consulta para as pessoas que têm interesse em enveredar pelo mesmo caminho de análise.

## Referências

BLOOM, H. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo**. [Tradução Marco Santarrita]. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

COLDERIDGE, Samuel Taylor. **Lectures 1808-1819 On Literature**. Ed. R. A. Foakes. Volume 2. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1987. (*Lectures 1808-1819 On Literature* is Number 5 in *The Collected Works of Samuel Taylor Coleridge*. Ed. Kathleen Coburn. 13 numbers to date. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1969--.)



COLDERIDGE, Samuel Taylor. **Shorter Works and Fragments**. Ed. H. J. Jackson and J. R. de J. Jackson. Volume 1. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1995. (*Shorter Works and Fragments* is Number 11 in *The Collected Works of Samuel Taylor Coleridge*. Ed. Kathleen Coburn. 13 numbers to date. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1969--.)

HELIODORA, Barbara. **Falando de Shakespeare**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

HOLDEN, Anthony. **William Shakespeare**. [Tradução de Beatriz Horta]. São Paulo: Ediouro, 2003.

HONAN, Park. **Shakespeare: uma vida**; tradução Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

POLIDÓRIO, Valdomiro. **A representação da natureza humana em Hamlet de William Shakespeare**. Revista Travessias, Vol. 03, No. 02. Cascavel – PR.: Edunioeste, 2009.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta; Macbeth; Hamlet, príncipe da Dinamarca; Otelo, o Mouro de Veneza**. [Traduções de F Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes.] São Paulo: Abril Cultural, 1981.